

O EVANGELHO DE SANGUE

JAMES ROLLINS
e Rebecca Cantrell

O EVANGELHO DE SANGUE

Tradução de
JOSÉ LUÍS LUNA



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2013

De James:

A Anne Rice

Por nos mostrar a beleza em monstros

E a monstruosidade no belo.

De Rebecca:

Para o meu marido e filho,

por manterem os monstros ao largo.

E vi, na mão direita do que estava sentado sobre o trono,
um livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos.
E vi um anjo forte, que bradava em alta voz: «Quem é digno
de abrir o livro e de violar os seus selos?»
Mas ninguém, nem no Céu, nem na Terra, nem debaixo da
Terra, podia abrir o livro ou olhar para ele...
«Digno és de tomar o livro e de abrir os seus selos, porque
foste morto e com o Teu sangue resgataste para Deus...»

— APOCALIPSE 5: 1-3, 9

Sou Lázaro, vindo de entre os mortos,
De volta para vos contar a todos. Hei de contar a todos vós.

— T. S. ELIOT

AGRADECIMENTOS

Para além das impressões digitais dos dois autores mencionados na capa, este livro tem muitas mais. Deixem-me, primeiro, agradecer ao meu grupo de críticos: Sally Barnes, Chris Crowe, Lee Garrett, Jane O'Riva, Denny Grayson, Leonard Little, Scott Smith, Penny Hill, Judy Prey, Dave Murray, Will Murray, Caroline Williams, John Keese, Christian Riley, Amy Rogers e, em especial, Carolyn McCray, que me ajudou a desenterrar esta história fazendo perguntas estimulantes. E, claro está, David Sylvian, por estar ao meu lado direito em todas as fases da produção e não só. Também devo manifestar os meus agradecimentos a Joe Konrath pelo seu esforço para tornar esta história muito melhor. E, por fim, claro está, uma saudação especial às quatro pessoas que mais contribuem para a minha carreira: a minha editora, Lyssa Keusch, e a sua colega, Amanda Bergeron; e os meus agentes, Russ Galen e Danny Baror. Como de costume, devo sempre realçar que sou responsável por todos os erros factuais ou de pormenor.

Agora, é a vez da Rebecca. Gostaria de agradecer a toda a gente que ajudou a lançar o livro, e a mim, no mundo, incluindo as minhas fantásticas agentes, Elizabeth Evans, Mary Alice Kier e Anna Cottle; e Lyssa Keusch, da Harper. Este e os meus outros romances foram muito melhorados pelo maravilhoso grupo de escrita Kona Ink, de Kathryn Wadsworth, Judith Heath, Karen Hollinger e David Deardorff. Foi um trajeto difícil, e eu não teria conseguido sem o apoio do meu resolutivo marido e brilhante filho, o perito da família em armas. Obrigada igualmente ao Jim por me ter convidado para entrar na brincadeira.

PRÓLOGO

PRIMAVERA, ANO 73 DA ERA CRISTÃ MASSADA, ISRAEL

Os mortos continuavam a cantar.

A cem metros acima da cabeça de Eleazar, o coro de novecentos rebeldes judeus ressoava desafiando a legião romana às suas portas. Os defensores tinham jurado matar-se para não serem capturados vivos. Essas preces finais dirigidas ao Céu ecoavam pelos túneis cavados no interior da montanha de Massada.

Abandonando os homens condenados à ofuscante luz do Sol, Eleazar afastou o olhar do topo da passagem de pedra calcária. O seu desejo era cantar ao lado deles, perder a vida numa derradeira batalha. Mas o seu destino estava noutra lugar.

Outro caminho.

Pegou no precioso bloco. A pedra aquecida pelo sol cabia entre a mão e o cotovelo, o tamanho de um recém-nascido. Apertando-a contra o peito, forçou-se a entrar na passagem toscamente aberta no interior da montanha. Pedreiros selavam o caminho atrás dele. Nenhum ser vivo poderia segui-lo.

Os sete soldados que o acompanhavam iluminavam o caminho à sua frente com archotes. Ainda pensavam nos seus irmãos, os novecentos homens que se encontravam no planalto sob o sol ardente. O cerco à fortaleza durava havia meses. Dez mil soldados romanos, alojados em vastos acampamentos, rodeavam a meseta para se assegurarem de que ninguém saía nem entrava. Os rebeldes tinham prometido que, logo que terminassem os cantos, matariam a família e se matariam depois, antes que os romanos ocupassem as muralhas. Entretanto, rezavam e preparavam-se para matar o inocente.

Assim como eu devia.

A missão de Eleazar pesava-lhe tanto como a pedra que carregava nos braços. Os seus pensamentos concentraram-se no que se encontrava em baixo. O túmulo. Tinha passado horas a rezar naquele templo subterrâneo, com os joelhos sobre blocos de pedras tão ajustados uns contra os outros que nem uma formiga conseguia escapar. Tinha examinado as paredes lisas e os tetos arqueados. Tinha admirado o laborioso trabalho dos artesãos para tornar aquele espaço sagrado.

Nem mesmo nessa altura ousara olhar para o sarcófago no templo.

Aquela cripta *profana* que haveria de conter a palavra mais *sagrada* de Deus.

Apertou a pedra com mais força contra o peito.

Por favor, meu Deus, livra-me deste fardo.

Esta última prece, como as milhares anteriores, permaneceu sem resposta. O sacrifício dos rebeldes lá em cima tinha de ser respeitado. O seu sangue amaldiçoado devia servir uma intenção mais elevada.

Ao chegar à entrada arqueada do templo, não conseguiu avançar. Outros empurravam-se para chegar aos seus postos. Eleazar encostou a testa à parede fria, procurando consolação.

Mas nenhuma lhe foi concedida.

Olhou para o interior. A luz dos archotes tremeluzia e sombras dançavam sobre as pedras que formavam um teto arqueado. O fumo rodopiava lá no alto, tentando escapar, mas não havia escape.

Para nenhum deles.

Por fim, os seus olhos pousaram-se na menina, de joelhos, segura por soldados. O coração doeu-lhe ao ver o lastimável estado dela, mas não renunciaria ao que lhe tinham pedido para fazer. Esperava que ela fechasse os olhos, de modo que ele não tivesse de olhar para eles no fim.

Olhos de água...

Fora assim que a irmã havia muito falecida tinha descrito aqueles olhos inocentes, os olhos da filha, a pequenina Azubah.

Eleazar fitou agora os olhos da sobrinha.

Olhos ainda de criança... mas não foi uma criança que lhe lançou um olhar furioso. Ela tinha visto o que uma criança nunca deveria ver. E, em breve, nada mais veria.

Perdoa-me, Azubah.

Com uma última oração murmurada, entrou no túmulo iluminado por archotes. Chamas vacilantes refletiam os olhos assustados dos sete soldados

que esperavam por ele. Tinham combatido os romanos durante dias, sabendo que acabariam por ser mortos, mas não assim. Ele fez-lhes um sinal com a cabeça, bem como ao homem de túnica que os acompanhava. Nove adultos reunidos para sacrificar uma criança.

Os homens inclinaram a cabeça, como se Eleazar fosse santo. Na verdade, desconheciam como ele era impuro. Só Eleazar e quem ele servia sabiam isso.

Todos tinham ferimentos ensanguentados, alguns infligidos pelos romanos e outros pela menina que mantinham presa.

As túnicas púrpura que ela fora obrigada a vestir eram demasiado largas e faziam-na parecer ainda mais pequena. As suas mãos sujas seguravam uma boneca esfarrapada de cabedal da cor do deserto da Judeia e sem um olho.

Há quantos anos lhe tinha dado aquela boneca? Lembrava-se da explosão de prazer do pequenino rosto quando ele se ajoelhara para lha oferecer. Lembrava-se de ter pensado quanta luz do sol podia um corpo tão pequenino conter para brilhar com tanta intensidade, de como um simples presente de trapos e cabedal podia despertar tanta alegria.

Examinou o rosto dela à procura desse raio de sol.

Mas deparou apenas com escuridão.

Ela silvou, arreganhando os dentes.

— Azubah — suplicou.

Aqueles olhos, outrora tão belos e calmos como os de uma corça, fitaram-no com ódio selvagem. Ela respirou fundo e cuspiu sangue quente para o seu rosto.

Ele cambaleou, confuso pela sensação acetinada, o cheiro a ferro do sangue. Limpou o rosto com uma mão trémula. Ajoelhou-se diante de Azubah e limpou delicadamente o sangue que lhe escorria do queixo, depois deitou fora o pano sujo.

E, então, ouviu.

E ela também.

Ambos levantaram a cabeça. Só eles ouviam os gritos vindos do alto da montanha. Só eles sabiam que os romanos tinham conquistado as fortificações.

O massacre começara.

O homem de túnica reparou na atitude dos dois e percebeu igualmente o que se passava.

— Não temos mais tempo a perder.

Eleazar olhou para o homem mais velho, com a túnica castanha coberta de poeira. Era o chefe deles, quem exigira que a menina fosse batizada no meio de tanto horror. A idade sulcava-lhe o rosto barbudo. Os olhos solenes e impenetráveis fecharam-se, os lábios murmuraram uma prece silenciosa. E o rosto brilhou com a convicção de um homem sem dúvidas.

Por fim, aqueles olhos abençoados tornaram a abrir-se e encontraram o rosto de Eleazar, como se procurasse a sua alma. Fez-lhe lembrar o olhar de outro homem, muitos e muitos anos antes.

Eleazar desviou-se, envergonhado.

Os soldados juntaram-se à volta do sarcófago de pedra aberto no meio do túmulo. Era feito de um único bloco de pedra calcária e suficientemente grande para caberem lá dentro três adultos.

Em breve, porém, seria o cárcere de apenas uma menina.

Piras de mirra e incenso fumegavam aos cantos. Através da sua fragrância, Eleazar sentia aromas mais secretos: sais amargos e especiarias acres misturados conforme um antigo texto essénio.

Todos aguardavam com uma terrível prontidão.

Eleazar baixou a cabeça uma última vez, rezando por outro desfecho.

Levem-me, mas não a ela.

Mas o ritual obrigava-os a desempenhar o seu papel.

Uma Rapariga Corrompida de Inocência.

Um Cavaleiro de Cristo.

Um Homem Guerreiro.

O chefe de túnica falou. A sua voz áspera não tremeu.

— O que tem de ser feito é a vontade de Deus. Para proteger a alma dela. E as almas dos outros. Levem-na!

Mas nem todos tinham vindo ali de livre vontade.

Azubah soltou-se das mãos dos seus captores e precipitou-se para a porta, ágil como um gamo.

Só Eleazar conseguiu detê-la, agarrando-a pelo pulso. Ela debateu-se, mas ele era mais forte. Os soldados rodearam-na. Ela apertou a boneca contra o peito e caiu de joelhos. Parecia tão terrivelmente pequenina.

— Tem de ser feito — repetiu o chefe, dando ordens a um soldado.

Este avançou e, agarrando num braço de Azubah, tirou-lhe a boneca e atirou-a para um canto.

— Não! — gritou ela; a primeira palavra, desesperada, que saía da sua frágil garganta ainda de forma tão infantil.

Voltou a libertar-se com vigor furioso. Saltou sobre o soldado agressor, encavalitando-se com as pernas à volta da cintura, os dentes e as unhas rasgando-lhe o rosto e atirando-o para o chão.

Dois outros soldados acorreram para ajudar o colega. Tiraram a furiosa rapariga de cima dele e imobilizaram-na.

— Levem-na para o sepulcro! — ordenou o chefe.

Os dois homens que a seguravam hesitaram, visivelmente temendo obedecer. A criança debatia-se no meio de ambos.

Eleazar reparou que o pânico dela não era dirigido aos seus captores e que os seus olhos permaneciam fitos no que lhe tinha sido roubado.

Foi buscar a boneca e segurou-a diante do rosto ensanguentado da rapariguinha. Aquilo acalmara-a muitas vezes quando ela era mais nova. Tentou apagar recordações de Azubah a brincar e a rir ao sol com as irmãs e aquela mesma boneca. O brinquedo tremeu-lhe na mão.

E o olhar dela transformou-se numa súplica. Serenou e, libertando um braço, estendeu a mão para a boneca.

Ao tocar-lhe com os dedos, o corpo vergou-se e ela sucumbiu ao seu destino, aceitando o facto de a fuga não ser possível. Tal como quando era uma criança inocente, procurou a sua única consolação na companhia da boneca. Não queria ficar sozinha na escuridão. Levou a boneca ao nariz e encostou o pequenino nariz ao dela, um símbolo mágico de reconforto infantil.

Mandando os homens embora, ele ergueu a menina agora calma. Embalou a sua forma fria nos braços e, como costumava, ela aninhou-se contra o seu peito. Eleazar pediu a Deus a força para fazer o que estava certo.

O bloco de pedra na mão livre lembrou-lhe o seu juramento.

O chefe iniciou as preces unindo o sacrifício lá no alto ao que teria lugar ali em baixo, usando sortilégios, palavras sagradas e atirando pitadas de incenso para as pequenas piras. No alto da montanha, os romanos tinham arrombado os portões e os rebeldes matavam-se.

Esse trágico pagamento de sangue desobrigaria a dívida aqui.

Com a pedra segura com força na mão, Eleazar transportou a menina até ao sarcófago aberto. Já tinha sido cheio quase até às bordas e chapinhava, cintilante. Era um *mikveh* — um banho de imersão ritual para aqueles a serem purificados.

Contudo, em vez de água benta, era *vinho*.

Jarros de barro vazios juncavam o chão.

Ao chegar à cripta, Eleazar lançou um olhar inquieto para a sua profundidade sombria. A luz dos archotes dava o tom de sangue ao vinho.

Azubah enterrou o rosto no seu peito e ele sentiu o gosto amargo da angústia.

— Agora! — ordenou o chefe.

Ele apertou uma última vez o corpo frágil da menina contra o dele e sentiu-a soluçar. Olhou para a entrada às escuras. Ainda podia salvar o corpo dela, mas condenaria a alma de ambos. Este terrível ato era realmente a única maneira de a salvar.

O soldado mais graduado tirou a rapariguinha dos braços de Eleazar e segurou-a por cima do túmulo aberto. Ela abraçou-se à boneca com os olhos esbugalhados de terror quando ele a baixou sobre o vinho. E deteve-se. Os olhos dela procuraram os de Eleazar e este estendeu-lhe a mão, mas depois retirou-a.

— Abençoado seja o Senhor nosso Deus que está no Céu — entoou o chefe.

Por cima deles, todos os cantos pararam. Ela inclinou a cabeça como se também tivesse notado. Eleazar imaginou sangue a empapar a areia, infiltrando-se na montanha. Tinha de ser feito naquele momento. Essas mortes marcavam o ato final para selar aquele túmulo.

— Eleazar! — disse o chefe. — Chegou a altura.

Eleazar mostrou o precioso bloco de pedra; o seu segredo sagrado era a única força que o fazia avançar. O bloco de pedra nada pesava nos seus braços. Era o coração que o impedia de respirar.

— Tem de ser feito — disse o homem de túnica, agora docemente.

Eleazar não confiava na sua voz para responder. Aproximou-se da rapariga.

O comandante deixou-a cair no vinho. Ela contorceu-se no líquido escuro, os pequenos dedos tentando agarrar-se aos lados de pedra do túmulo. Vermelho sangrou por cima das bordas e derramou-se no chão. Os olhos de Azubah imploraram quando ele colocou o bloco de pedra sobre o seu peito franzino... e a empurrou para o fundo. O peso da pedra e a força dos braços dele obrigaram a criança a mergulhar no banho de vinho.

Já não se debatia, apenas segurava a boneca contra o peito. Mantinha-se tão quieta como se já estivesse morta. Os seus lábios mudos moveram-se, formando palavras que desapareceram quando o seu pequenino rosto afundou.

Quais eram essas palavras perdidas?

Ele sabia que aquela pergunta o perseguiria para sempre.

— Perdoa-me — disse em voz embargada. — E perdoa-lhe a ela.

O vinho molhava as mangas da túnica e escaldava-lhe a pele. Segurou-lhe o corpo inerte até o chefe terminar as orações.

Durante o que pareceu uma eternidade.

Largou-a finalmente e ergueu-se. Azubah permanecia afogada no fundo, imobilizada para sempre pelo peso da pedra sagrada e para sempre a sua guardiã amaldiçoada. Ele rezou para que o seu ato purificasse a alma de Azubah, uma eterna penitência pela corrupção dentro dela.

Minha pequenina Azubah...

Tombou junto do sarcófago.

— Selem-no — ordenou o chefe.

Baixaram uma laje de pedra calcária com cordas e colocaram-na no lugar devido. E depois uniram a tampa ao sarcófago com uma mistura de cinza e cal.

Eleazar pousou as palmas das mãos na parede da prisão de Azubah como se o facto de lhe tocar a reconfortasse. Mas, agora, ela estava para lá de qualquer conforto.

Encostou a testa à pedra implacável. Era a única maneira que servia um deus superior. Mas estas verdades não amenizavam a sua dor. Nem a dela.

— Vem — chamou-o o chefe. — O que devia ser feito foi feito.

Eleazar respirou uma baforada de ar fétido. Os soldados tossiram e dirigiram-se para a saída arrastando os pés. Ficou sozinho com ela no túmulo húmido.

— Não podes ficar — disse-lhe o chefe da entrada. — Tens de percorrer um caminho diferente.

Eleazar aproximou-se da voz aos tropeções, cego pelas lágrimas.

Logo que partissem, o túmulo seria oculto e a passagem selada. Ninguém mais se lembraria e quem se atrevesse a entrar furtivamente estaria perdido.

Reparou que o chefe o olhava.

— Lamentas ter feito o juramento? — perguntou-lhe o homem. A sua voz manifestava compaixão, mas também continha a dureza das pessoas resolutas.

Foi por causa dessa dureza que Cristo chamou ao seu chefe *Petrus*. Era o apóstolo que fundaria a nova igreja.

Eleazar fez frente àquele olhar.

— Não, Pedro, não lamento.



PRIMEIRA PARTE

*Ele que olha a terra e a faz tremer,
que toca os montes e logo fumegam.*

— SALMO 104: 32

26 DE OUTUBRO, 10H33, HORA LOCAL DE ISRAEL
CESAREIA, ISRAEL

A professora Erin Granger passou a escova mais macia pelo crânio antigo. Uma vez limpo, examinou-o com olhar científico, reparando nas minúsculas costuras que ligavam os ossos, a fontanela aberta, avaliando a calosidade e chegando à conclusão de que se tratava de um recém-nascido; pelo ângulo do osso pélvico, era um rapaz.

Tinha morrido com apenas alguns dias de vida.

Ao continuar a retirar a criança do meio da terra e das pedras, imaginou o bebê deitado de lado com os joelhos encolhidos contra o peito e as pequeninas mãos ainda fechadas em punhos. Teriam os pais dele contado as suas palpitações, beijado a sua pele incrivelmente delicada e ficado à espera que o seu coração parasse?

Como lhe acontecera com a irmã bebê?

Fechou os olhos, de escova na mão.

Não penses mais nisso.

Abriu os olhos, afastando uns fios louros que tinham escapado do cabelo impecavelmente penteado em rabo de cavalo, e voltou a prestar atenção aos ossos. Haveria de descobrir o que tinha sucedido ali muitas centenas de anos antes, pois, tal como acontecera com a irmã dela, a morte desta criança fora deliberada. A única diferença é que o rapaz sucumbira à violência e não à negligência.

Prosseguiu o seu trabalho, atenta à posição dos membros da criança. Alguém tinha disposto o corpo em ordem antes de o enterrar, mas o esforço não conseguira dissimular os ossos partidos e desaparecidos, o que indicava

que fora cometida uma atrocidade. Nem mesmo dois mil anos eram suficientes para apagar tal crime.

Pousou a escova e tirou outra fotografia. O tempo tinha colorido os ossos com o mesmo desbotado tom sépia da terra implacável, mas a cuidadosa escavação revelara a sua forma. Contudo, levaria horas a recuperar o resto dos ossos.

Mudou de posição, passando do joelho dorido para o outro. Aos trinta e dois anos, não podia de modo algum ser considerada velha, mas naquele momento era assim que se sentia. Ainda só estava ali naquela vala há uma hora e os joelhos já se queixavam. Em criança, rezava ajoelhada no chão duro e sujo da igreja durante muito mais tempo. Nessa altura, e se o pai assim quisesse, podia ficar de joelhos meio dia sem soltar um queixume... porém, depois de tantos anos a tentar esquecer o passado, talvez não se lembrasse bem.

Levantou-se com um esgar de dor e distendeu os músculos, levantando a cabeça acima do fosso que lhe dava pela cintura. Uma refrescante brisa marinha acariciou-lhe o rosto afogueado, afastando as suas recordações. À esquerda, o vento sacudia as tendas do acampamento e espalhava areia pelo sítio da escavação.

A poeira cegou-a momentaneamente. Por estas bandas, a areia invadia tudo. O seu cabelo louro mudava para a cor vermelho-acinzentada do deserto israelita todos os dias. As meias no interior dos ténis raspavam-lhe os pés como lixa, os grãos de areia entranhavam-se nas unhas e até a boca sabia a areia.

No entanto, quando olhava para a fita amarela de plástico que marcava os limites da sua escavação arqueológica, permitia-se esboçar um sorriso, feliz por ter os ténis enfiados em história antiga. A sua escavação ocupava o centro de um antigo hipódromo e estava localizada em frente do eterno Mediterrâneo. Iluminada pelo sol em surreais tons metálicos, a água cintilava colorida de índigo. Por detrás dela, bancadas de pedra dispostas em anfiteatro erguiam-se como um testamento com dois mil anos a um rei havia muito morto, o arquiteto da cidade de Cesareia: o infame rei Herodes, esse monstruoso assassino de inocentes.

O relincho de um cavalo flutuou na pista, não um eco vindo do passado, mas de um estábulo improvisado construído ao fundo do hipódromo. Um grupo local estava a preparar uma corrida por convites e, em breve, o hipódromo ressuscitaria, voltando a animar-se, apesar de ser somente por uns dias.

Ela mal podia esperar.

Até lá, contudo, Erin e os seus estudantes tinham muito trabalho pela frente.

De mãos nas ancas, olhou para o crânio do bebé assassinado. Talvez ainda nesse dia, mais tarde, conseguisse engessar o pequeno esqueleto e iniciar o laborioso processo de o extrair do entulho. Queria transportá-lo quanto antes para o laboratório onde poderia ser analisado. Os ossos tinham mais a revelar-lhe do que aquilo que ela alguma vez viesse a descobrir no terreno.

Voltou a ajoelhar-se junto da criança. Havia algo no fémur que a incomodava. Tinha entalhes invulgares a todo o comprimento. Ao inclinar-se para ver melhor, foi percorrida por um arrepio de frio.

Seriam marcas de dentes?

— Professora?

O sotaque texano de Nate Highsmith fendeu o ar e interrompeu a sua concentração.

Ela sobressaltou-se, batendo com o cotovelo na estrutura de madeira que sustentava as paredes contra a implacável areia.

— Desculpe — disse o estudante, baixando a cabeça.

Ela tinha dado instruções rigorosas para que não a incomodassem nessa manhã e ele já estava ali a importuná-la. Para se conter e não lhe responder com maus modos, pegou no cantil amolgado e deu um longo gole de água morna. Sabia a aço inoxidável.

— Não faz mal — disse secamente.

Protegeu os olhos com a mão livre e olhou para ele. À beira do fosso, a sua silhueta recortava-se contra o sol brilhante. Usava um chapéu de palha *Stetson* puxado sobre a testa e estava vestido com um par de velhos *jeans* e uma desbotada camisa aos quadrados com as mangas arregaçadas para mostrar os braços musculosos. Ela desconfiou que as tivesse arregaçado só para a impressionar. Mas é evidente que não produziria nenhum efeito. Reconhecia que, totalmente concentrada no trabalho ao longo dos últimos anos, os únicos tipos que achava fascinantes estavam mortos há séculos.

Lançou um olhar eloquente para uma insignificante extensão de areia e rocha. A unidade de radar da equipa encontrava-se abandonada e mais parecia um cortador de relva do que um instrumento de alta tecnologia para espreitar o subsolo.

— Porque é que não está ali a cartografar o quadrante?

— Eu estava lá, professora.

O seu sotaque tornava-se mais forte quando estava excitado. E também levantava um sobrolho.

Ele encontrou qualquer coisa.

— O que foi?

— Não acreditaria em mim se lhe dissesse.

Nate saltitava em bicos dos pés, pronto para ir a correr mostrar-lhe.

Erin sorriu, porque de facto ele tinha razão. O que quer que fosse, ela não acreditaria sem ver. Era essa a fórmula que repetia vezes sem conta aos alunos: *Só é verdadeiro quando o tiramos do solo e o seguramos nas nossas mãos.*

A fim de proteger o seu local de trabalho e por respeito para com os ossos da criança, tapou delicadamente o esqueleto com um oleado e, a seguir, Nate ajudou-a a sair do fosso. Como era de esperar, manteve a mão dela na sua um segundo a mais.

Tentando não se zangar, ela retirou a mão e sacudiu a poeira dos joelhos dos *jeans*. Nate recuou um passo e desviou o olhar, dando-se provavelmente conta de que tinha pisado o risco. Ela não o repreendeu. Para quê? Tinha consciência das abordagens dos homens, mas raramente os encorajava e nunca em trabalho. Aqui, ela sujava-se como outras mulheres se maquilhavam e evitava envolvimentos românticos. Embora fosse de altura mediana, diziam-lhe que exibia o porte de alguém bem mais alto. Na sua profissão, tinha de ser. Sobretudo sendo jovem.

O outrora, tivera o seu quinhão de relações amorosas, mas nenhuma delas parecia durar. No fim, a maior parte dos homens achava-a intimidadora — o que era desagradável para muitos, mas estranhamente atraente para outros.

Como Nate, por exemplo.

No entanto, ele era competente no trabalho de campo, com grande potencial como geofísico. Acabaria por se desinteressar dela e tudo se resolveria por si só.

— Mostre-me.

Virou-se na direção da tenda de equipamento de cor caqui. Seria pelo menos melhor irem para a sombra.

— A Amy obteve a informação no computador portátil — explicou ele, atravessando o local de trabalho. — É a sorte grande, professora. Acertámos na lotaria dos ossos.

Ela suprimiu um sorriso perante o seu entusiasmo e apressou-se para acompanhar as suas passadas. Admirava-lhe a paixão, mas, como tudo na

vida, a arqueologia não distribuía prémios após uma única manhã de trabalho. Por vezes, nem sequer após décadas.

Baixou-se para entrar na tenda e segurou a lona para que Nate, que entretanto tirara o chapéu, entrasse. Protegido do clarão do sol, o interior da tenda parecia vários graus mais fresco do que lá fora.

Um gerador elétrico ruidoso alimentava um computador portátil e uma velha ventoinha metálica diretamente virada para Amy, uma estudante da Universidade de Columbia com vinte e três anos. A jovem de cabelo escuro passava mais tempo dentro da tenda do que no exterior. Gotas de água tinham-se condensado na lata de *Diet Coke* sobre a sua secretária. Com um pouco de peso a mais e fisicamente em baixo, Amy não vivera anos suficientes ao sol que a preparassem para enfrentar os rigores do trabalho arqueológico no terreno, mas possuía um apurado faro tecnológico. Continuou a teclar com uma mão e acenou a Erin com a outra.

— Não vai acreditar nisto, professora Granger.

— É o que não param de me dizer.

O seu terceiro aluno também se encontrava na tenda. Pelos vistos, tinham *todos* decidido deixar de trabalhar para examinar a descoberta de Nate. Heinrich surgiu por cima do ombro de Amy. Enquanto imperturbável estudante de vinte e quatro anos da Freie Universität de Berlim, era normalmente difícil de distrair. Para até ele se afastar do trabalho, significava que a descoberta era importante.

Os olhos castanhos de Amy não largavam o ecrã.

— O *software* ainda está a melhorar a imagem, mas julgo que queira ver já isto.

Erin tirou o trapo preso ao cinto e limpou a poeira e o suor do rosto.

— Antes que eu me esqueça, Amy, o esqueleto da criança que estou a tentar recuperar... Vi umas marcas invulgares que gostaria que você fotografasse.

Amy acenou afirmativamente com a cabeça, mas Erin suspeitou que ela não tivesse ouvido palavra do que dissera.

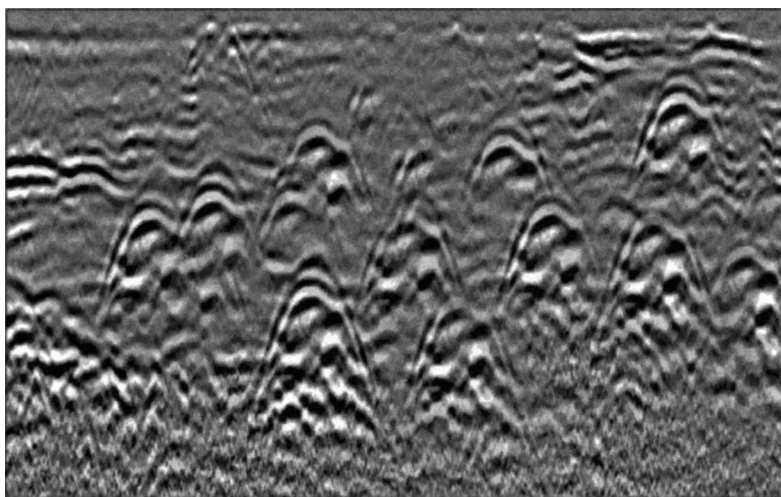
Nate não parava de mexer no *Stetson*.

O que é que eles tinham encontrado?

Erin aproximou-se de Heinrich. Amy recostou-se na cadeira de metal desdobrável para que Erin visse bem o ecrã.

O computador portátil mostrou imagens em fases sucessivas do terreno que Nate tinha examinado nessa manhã. Cada uma delas mostrava uma camada diferente do quadrante oito, selecionada consoante a profundidade.

As imagens pareciam poças de lama cinzenta quadradas, atravessadas por linhas pretas que formavam parábolas, como ondulações. As linhas pretas representavam material sólido.



Erin sentiu o coração a palpitar na garganta. Chegou-se mais perto sem poder acreditar.

Esta poça de lama tinha demasiadas ondulações. Em dez anos de trabalho no terreno, nunca tinha visto nada assim. Ninguém vira.

Não pode estar certo.

Traçou uma curva no ecrã, ignorando a expressão crispada de Amy, que detestava que manchassem o ecrã do seu computador, mas Erin tinha de provar a si mesma que aquilo era verdadeiro... e tocar-lhe.

Falou num estado de tensão e esperança.

— Quais as dimensões da área que investigou, Nate?

A resposta não se fez esperar.

— Dez metros quadrados.

Ela lançou um olhar de esguelha para o seu rosto sério.

— Só? Tem a certeza?

— Ensinou-me a usar o radar de penetração do solo, lembra-se? — Inclinou a cabeça de lado. — Meticulosamente.

Amy riu-se.

Erin continuou.

— E acrescentou uma compensação a esse resultado?

— Sim, professora — suspirou ele. — Está totalmente compensado.

Ela sentiu que, pondo em dúvida a sua capacidade, tinha magoado o ego de Nate, mas tinha de ter a certeza. Confiava no equipamento, mas nem sempre nas pessoas que o utilizavam.

— Fiz tudo. — Nate inclinou-se para a frente. —E, antes que me pergunte, deixe que lhe diga que a identificação é exatamente igual à do esqueleto que está a escavar.

Exatamente a mesma? Isso fazia com que esta camada tivesse dois mil anos. Voltou a olhar para as imagens fascinantes. Se os dados estivessem corretos — o que teria de voltar a verificar —, cada parábola era um crânio humano.

— Fiz um cálculo aproximado. — Nate interrompeu os seus pensamentos. — Mais de quinhentos. E nenhum maior do que dez centímetros de diâmetro.

Dez centímetros...

Não eram apenas crânios... eram crânios de *bebés*. Centenas de bebés.

Erin recitou em silêncio a relevante passagem bíblica: Mateus, 2: 16. *Então Herodes, ao ver que tinha sido enganado pelos magos, ficou muito irado e mandou matar todos os meninos de Belém e de todo o seu território, da idade de dois anos para baixo, conforme o tempo que, diligentemente, tinha inquirido junto dos magos.*

O Massacre dos Inocentes. Herodes ordenou alegadamente que isso fosse levado a cabo para ficar certo, absolutamente certo, de que tinha matado a criança que receava que, um dia, o suplantasse como rei dos judeus. Mas falhou e a criança fugiu para o Egito e tornou-se o homem conhecido por Jesus Cristo.

Teria a equipa dela acabado de descobrir a trágica prova do feito de Herodes?